

REVOLTA DE RIBEIRÃO MANUEL

Este trabalho foi publicado originalmente na revista "Unidade e Luta" nº6 III Série, de Set/Out/85 e foi revisto em 2010. Foi elaborado inicialmente não só para o preenchimento de férias escolares, mas também como resposta a necessidade de salvaguardar e divulgar factos históricos de extrema importância, cujas fontes vivas tendiam a desaparecer. Na sua elaboração foram utilizados os seguintes métodos :

- *Consultar todos os documentos escritos na ilha de Santiago sobre essa matéria, e;*
- *entrevistar cerca de trinta pessoas idosas de vários escalões sociais e profissionais da Praia, Ribeira da Barca, Achada Lém, Achada Falcão e Ribeirão Manuel, que presenciaram e ou viveram esses acontecimentos.*

Dedico este trabalho a todos os camponeses de Cabo Verde e em particular aos camponeses de Achada Falcão e Ribeirão Manuel, que sempre combateram contra todas as formas de injustiça. Que a acção dos camponeses de Ribeirão Manuel nos sirva de estímulo na luta por um desenvolvimento socioeconómico solidário em Cabo Verde.

Pedro Martins

I.

No despontar do século XX o sistema colonial português em Cabo Verde apoiava-se no sistema do Pacto Colonial que restringia se não proibia as colónias de comerciarem com o estrangeiro mesmo quando fosse necessário ou mais vantajoso pelos colonizados. Por outro lado os pesados tributos, com que o regime colonial se mantinha, mesmo nos anos de crise ou de falta de produção agrícola, recaiam substancialmente sobre os proprietários que obviamente, os faziam reflectir sobre os rendeiros e parceiros, situado na cauda da exploração colonial.

Deve-se ter presente que o sistema de Pacto Colonial não permitia a industrialização das colónias e, que o comércio tinha uma expressão relativamente fraca de modo que o grosso da pesada tributação incidia sobre a agricultura colocando sob um colecte de forças os proprietários e os rendeiros cujas relações não conseguiriam ser pacíficas tanto mais quanto a colonização portuguesa não desenvolveu a agricultura e nem tampouco a protegeu contra os efeitos da seca e da desertificação.

É neste quadro tenso que deve ser cuidadosamente analisada e apreciada a chamada Revolta de Ribeirão Manuel sobretudo pelo que revela da parte da população e dos rendeiros uma esclarecida percepção e consciência de que os males de que o Povo (na sua maioria então constituída por rendeiros e parceiros agrícolas) sofria, tinha a sua causa e origem na exploração colonial.

Esta circunstância está patente no facto de a população de Ribeirão Manuel ter posto como inimigo e alvo principal do seu confronto armado as forças coloniais de repressão.

II.

Mesmo em Cabo Verde, onde a fragilidade do ecossistema exige do explorador trabalho de infraestruturas – construção de tanques, diques, levadas, socalcos, adubos naturais, plantações de árvores e arbustos, protecção de solos –, a verdade palpável é que o colonizador português se limitou a arrancar do solo toda a riqueza possível sem nada gastar nessas infraestruturas necessárias, mesmo quando as repetidas crises e fomes mostrassem quão indispensáveis são essas obras.

Assim, a violência e brutalidade das autoridades e dos colonos portugueses que marcaram a colonização de Cabo Verde, ajuntou-se o atraso, a incompetência e a negligência da colonização portuguesa.

De tudo isso advém o subdesenvolvimento herdado em 1975, no percurso do qual se inserem momentos heróicos em que a população desta ilha de Santiago em situação de desespero não olhando aos riscos e à completa falta de apoio nessa época distante do colonialismo dominador e vitorioso se insurge contra o poder e a exploração colonial.

Em Outubro de 1910 as forças mundiais de oposição ao colonialismo estavam muito longe de ter conseguido a consistência e o peso que só cinquenta anos depois, depois da segunda guerra mundial viria a ter a partir dos anos sessenta.

Este facto, é mais uma circunstância reveladora da coragem e heroísmo da população de Ribeirão Manuel nos distantes idos de Outubro de 1910.

III.

No quadro de atraso e do subdesenvolvimento impostos pelo colonialismo português, que reduzia o principal ganha pão do povo aos trabalhos agrícolas de arrendamento e parceria com meios arcaicos de produção (enxadas, individuais, marca “Jacaré”, importadas da Shillington, Inglaterra, porque Portugal não as produzia adequadas) e fraca produtividade mesmo nos anos de boas chuvas (a colheita de milho, feijões e demais leguminosas só com muita poupança conseguia alimentar o trabalhador e sua família até a próxima colheita: daí a máxima popular “pon ta guardadu pa Maio”). Extremamente dura e penosa era a vida da maioria da população desta ilha e das demais ilhas agrícolas de Cabo Verde.

A vida do proprietário, mais comumente chamado de morgado, posto que um tanto melhor, não era desafogada nem afluente, como aliás o atestam factos bem frequentes de proprietários executados por não poderem pagar os tributos (“décimas”) dos seus prédios rústicos ou as dívidas que tinham contraído para poderem sobreviver nos anos de crise, não sendo raros os casos de numerosos proprietários que tinham de embarcar como trabalhadores contratados para trabalhos desumanos, servis e mal pagos nas roças de S. Tomé ou nas fazendas agrícolas de Angola e Moçambique.

IV.

Com o tempo decorrido e a distância histórica torna-se mais de que condenável tentar analisar ou relatar a Revolução de Ribeirão Manuel como mero acidente ou confronto entre proprietários e rendeiros, deixando na sombra ocultando ou até branqueando o sistema e o fator primeiro da dura condição de vida e da desumana exploração que é o colonialismo português, retrógrado e atrasado, mas mesmo assim postado em manter-se e vangloriar-se com falsos atributos de humanismo, acção civilizadora e integradora, quando não, hoje mesmo, indiferente a toda tragédia humana que causou durante cinco séculos, procura, arrogante, branquear-se e celebrar “achamentos” e Passado de que devia ter recato e vergonha.

V.

É nessa de situação de desumanidade e miséria causadas pela administração portuguesa que eclodiram, entre outras, as revoltas de escravos e camponeses dos Engenhos de 1822, a revolta comandada pelo chefe dos escravos Narciso em Fonte Ana da Praia, em 1835, e a revolta da Achada Falcão em 1841.

Isso para não falar da bárbara repressão, prisões e julgamentos fantoches (sem possibilidades de defesa, em Lisboa para onde foram levados presos, sem testemunhas e caluniados como o Instrutor dos processos e o Marquês de Pombal tiranamente quiseram) contra os principais líderes naturais desta Ilha de Santiago, enforcados, cujas cabeças foram mandadas em duas caixas para serem expostas na praça pública até se consumirem com o tempo, de modo desencorajar os santiaguense da sua ânsia de emancipação contra o colonialismo.

As condições socioeconómicas de desespero não foram, porém, os únicos motivos dessas revoltas. Deve-se ter em consideração a influência das revoluções americanas e francesa veiculadas por jornais, revistas e negociantes e também pelos caboverdianos que já nessa época frequentavam esses países; alguns Portugueses e outros e outros Europeus inconformados com a vida e o regime em Portugal e em outros países europeus que se radicaram nesta ilha de Santiago adoptando o ser e o modo de vida

locais, pelo qual passaram a identificar-se, daí surgindo o “badiu branco” e “badiu brumedjo”.

Contudo, a revolta de camponeses que mais ameaçou os pilares do colonialismo e que, dada a sua amplitude espacial e determinação dos amotinados, provocou à mobilização de grandes forças repressivas coloniais numa alegada acção de “pacificação”, foi, sem dúvida, a da povo de Ribeirão Manuel.

Ribeirão Manuel é um planalto que, da zona mais a oeste da Achada Falcão, se desliza para Tombatouro e, mais abaixo, encontra a Achada Leite, que constitui um belo trecho verdejante entre a foz da ribeira do Charco e o mar. Este planalto, cheio de pequenos “cutelos”, nessa altura, era na maior parte uma mata em que predominavam a purgueira (*jatropha curcas*), de importância vital na economia e exportação de Cabo Verde, e sisal (*furcraea foetida*).

A purgueira e a pele de animais abatidos minimizavam a escassez de rendimentos agrícolas. Estes produtos eram exportados através do porto (agrícola) da Ribeira da Barca, donde também saíam os mantimentos para as ilhas de Fogo, Brava, S. Vicente, Boavista e S. Nicolau (a ilha do Maio era abastecida sobretudo a partir dos portos da Calheta e de Pedra Badejo).

Com a venda da parte das colheitas, de purgueira e peles os rendeiros e parcieiros conseguiam dinheiro para pagar dívidas e adquirir peças de roupas e dos poucos produtos que não conseguia produzir localmente. A purgueira, que era utilizada no fabrico de óleo, do sabão e para uso medicinal era ciosamente protegida pelos proprietários. Mesmo os filhos dos rendeiros que, nos períodos de sementeira, portanto de “tadja corbu”, ajudavam os pais na faina agrícola, recebiam uma meticulosa e séria recomendação no sentido de não subirem nas purgueiras, até porque a seiva da purgueira manchava irremediavelmente as suas parcas e pobres roupinhas. A purgueira também era utilizada pelos pobres na iluminação (candeias e velas ou “loreti di purga”).

As mulheres que iam ao campo apanhar esterco de vaca para combustível sujeitavam-se a serem amarradas e detidas pela cavalaria quando denunciadas por furto de purgueira. Terá sido um caso deste o rastilho da Revolta

Foi o que aconteceu em Outubro de 1910 e que constituiu fundamentalmente a causa próxima da revolta de Ribeirão Manuel, a maior sacudidela sofrida pelo regime colonial em terras de Cabo Verde antes do início da Luta de Libertação Nacional. Que tão importante foi efectivamente esse acontecimento histórico, vê-se de resto pelo facto de a ele, terem respondido os colonialista com uma campanha militar comandada pelo próprio governador Marinha de Campos para como então se dizia, fazer a pacificação dos revoltosos.

Apesar da existência de mecanismos tendentes a conservar o negócio da purgueira como monopólio exclusivo dos proprietários, a população de Ribeirão Manuel, que tinha uma certa margem de liberdade perante esses senhores pelo facto de viver em terras próprias, por razões de económicas óbvias reforçava a sua apanha de purgueira. Esta era vendida em Ribeira da Barca onde o grande comerciante António Macedo monopolizava a sua exportação .

Esta actividade dinamizou-se com a proclamação da República cujos ideário chegou ao interior de Santiago, estimulando a resistência dos rendeiros. A palavra República era, de resto, atribuído o seguinte significado: as terras de cultivo e sobretudo as matas tornam-se públicas.

Os proprietários, cientes da nova situação psicológica existente no seio dos rendeiros e para protegerem os seus bens, aumentaram a pressão sobre as tropas da cavalaria portuguesa estacionada na vila de Assomada e comandada por um sargento, Machado de seu nome, cuja brutalidade e corrupção era do conhecimento geral.

Numa das apanhas de purgueira nas matas de Ribeirão Manuel, as tropas da cavalaria surpreenderam algumas mulheres. Foram elas imediatamente detidas e amarradas como animais, sob o protesto de toda a população de Ribeirão Manuel.

Embora se registassem, nessa ocasião, algumas escaramuças entre os soldados e a população em que elementos militares foram atirados ao chão e açoitados, o facto de os soldados estarem bem armados e de serem altamente repressivos fez com que a população se contivesse. Entretanto, a população de Ribeirão Manuel organizou-se e tomou a decisão de libertar as suas mulheres presas pela tropa.

Assim, mulheres armadas de machins e homens armados de pedras saíram de Ribeirão Manuel e em marcha para Cruz Grande, onde se encontravam presas as mulheres amarradas pela tropa, a uma cadênciã marcada com as “armas” que transportavam e com o bater dos pés no chão, num cortejo impressionante de fumo e barulho, atravessaram Galho Monte, Boca Mato e Barreira rumo à prisão.

A novidade chegou a Cruz Grande. Quando a massa revoltosa já se encontrava a poucas centenas de metros da cadeia da Cruz Grande, as forças coloniais reconhecendo que ela vinha determinada a libertar as encarceradas, abriram as portas da cadeia e libertaram as detidas. Acompanhados dos libertos, os revoltosos iniciam a marcha de regresso para Ribeirão Manuel, onde chegam cantando e dançando em celebração da vitória alcançada .

Foi então, tomada a decisão de mesmo naquela noite, se assaltar os armazéns de purgueiras dos proprietários Anibal e Nazoline dos Reis Borges, acção em que participou toda a população da localidade. Os guardas acobardados, nem se atreveram

a levantar a voz, sabendo-se profundamente odiados pelos revoltosos, fugiram a sete pés.

O povo sente-se senhor de si mesmo sem proprietários e sem os seus guardas. Era ele o povo, a única autoridade, e nessa qualidade, toma conta das matas de purgueiras. Como não podia deixar de ser as forças de repressão foram alertadas no sentido de porem termo a revolta, prendendo os chefes .

Conhecendo, porém os hábitos da cavalaria, Ribeirão Manuel organiza-se dispondo-se a contrapor a repressão uma resistência eficaz. Assim, alguns revoltosos são encarregues de vigiar a chegada da tropa no Galho Monte, o único acesso ao Ribeirão Manuel para que vem de Assomada e da Achada Falcão. Eles deviam utilizar uma corneta para alertar a população da chegada da cavalaria.

Tais planos não impediram contudo que as tropas encabeçadas pelo sinistro sargento Machado surpreendessem a população na madrugada seguinte, arrombando as portas das casas arrancando para fora do leito as mulheres e entregando-as para serem amarradas .

“Já se achavam atadas e presas umas 37 quando, de todas os pontos, começaram a romper gritos de alarme e a juntar-se para tomar a defensiva e repelir o ataque”¹.

Ultrapassando a grande confusão inicial, a população organiza os seus meios de defesa e opõe às forças de repressão uma resistência que se tornou legendaria na cultura popular da ilha de Santiago: “Omi faka, mudjer matxadu, mosinhos tudu ta djunta pedra”.

Entrincheirando-se atrás dos cutelos, os rebeldes esperam que os soldados disparassem todas as balas, esgotando as munições que levaram, e em seguida, obrigam-nos a uma luta corpo a corpo. Corajosamente, arrancando os pés dos soldados dos estritos dos cavalos, atiram-nos ao chão, desarmando-os e açoitando-os.

As mulheres tiveram um papel importantíssimo nesse confronto. Tal é o caso da célebre Ana da Veiga “NHANA DA BEGA” conhecida por BOMBOLOM DI MELO, que ao ver o comandante Machado aprisionar o seu filho, atirou-o ao chão e num acto de maior desprezo, considerando na época, como reservado aos indivíduos indignos obrigou-o a receber na boca uma boa quantidade de urina.

¹ ANTONIO D.DA GRAÇA”Cabo Verde”pag.247

As tropas foram completamente desbaratadas. E só não se registou um massacre porque as pessoas idosas que, possivelmente temiam uma selvagem repressão das unidades militares estacionadas na Praia, a isso se opuseram.

Completamente desnorteada, a cavalaria do sargento Machado debanda, fugindo uns para a Ribeira da Barca e outros para o Engenho. Alguns foram parar a Achada Falcão. Um deles, ao tentar contactar o cabo-chefe de Achada Falcão, viu um camponês de nome José Garcia, a aproximar-se mas que nada tinha a ver com a revolta. Considerando-o porém como inimigo disparou atingindo-o mortalmente.

Os acontecimentos de Ribeirão Manuel fizeram tremer a população do concelho de Santa Catarina e alertaram profundamente o povo das ilhas. O povo de Ribeirão Manuel orgulhoso da sua vitória denominou o sítio onde a cavalaria foi derrotada de “Si Bu Txomadu”.

Os rendeiros da Achada Falcão, não participaram no levantamento porque dependiam completamente do proprietário Anibal dos Reis Borges, e tinham uma margem de actuação limitadíssima, mas esperaram atentamente uma segunda fase, pois a situação em que viviam era também de muita dificuldade. Essa situação criou um ambiente tenso e explosivo nessa região de Santiago.

Os proprietários de Santa Catarina, encabeçados por Anibal dos Reis Borges, encarregaram um enfermeiro português de nome Bernardino, genro deste, de relatar os acontecimentos ao Governador colonial e de pedir que Ribeirão Manuel fosse considerada uma região em sublevação. Servindo-se dos pontos de troca de cavalos de Picos, Orgãos e S. Domingos, pôde o referido enfermeiro contactar depressa o Governador colonial Marinha de Campos que decidiu imediatamente capitanear ele próprio uma “campanha de pacificação. “Para submeter Ribeirão Manuel, foram a Santa Catarina o pelotão da policia indígena, a secção de artilharia, o pelotão da policia rural e, ainda a força da canhoneira Zambeze, que desembarcou na Ribeira da Barca, tudo comandado pelo governador Marinha de Campos no dia 17 de Novembro de 1910”².

A coluna punitiva passou em frente da Achada Leite, que confina com Ribeirão Manuel. Da referida Achada, segundo parece, queriam fazer fogo de canhão contra a região revoltosa. Teriam sido porém, demovido dessa intenção pelo comerciante Antonio Macedo, o qual habituado a negociar a purgueira com a população da mesma região, e talvez procurando salvaguardar interesses comerciais próprios, aconselhou

² ANTONIO D.DA GRAÇA”Cabo Verde” pag.37.

Marinha de Campos a não proceder ao bombardeamento, alegando que nem todos eram “gentios” e que se devia poupar os inocentes.

Segundo as testemunhas da época, as tropas coloniais desembarcadas eram “txeu ki ka ta konta”, marcharam para Achada Falcão tendo à frente o governador Marinha de Campos. Tendo feito alto em Manchuli, em casa do Senhor Anibal dos Reis Borges e na igreja de Santa Catarina, em Achada Falcão, concluiu mais tarde o governador que os revoltosos tinham sido incitados pelo padre cabo-verdiano António Duarte, que anteriormente tinha sido um protegido da casa dos Reis Borges com a ajuda dos quais fizera os seus estudos no Seminário de São Nicolau, e a quem o povo de Ribeirão Manuel vendia lenha.

Tal era com efeito, a versão dos proprietários de Santa Catarina, encabeçados por Reis Borges, que acusavam o Padre Duarte de ter incitado a população a entrar nas suas matas de purgueira, alegando que com a implantação da República, as terras tinham-se tornado públicas .

Vítima de tais acusações, foi o padre Duarte preso com grande aparato e humilhado em frente do povo .

“Seguidamente, Marinha de Campos mandou chamar os revoltosos, dizendo-lhes que não os queria punir mas sim fazer as pazes com eles, por ter descoberto o verdadeiro culpado dos seus deploráveis excessos” .

A população, a que já chegara a notícia da campanha do governador, na sua quase totalidade tinha abandonado as suas casas, refugiando-se nos montes e em lugares tão distante como a Figueira das Naus e a cidade da Praia. Os poucos que responderam ao apelo do governador foi para lhe transmitir o quadro de miséria em que o povo vivia. Quando interrogados sobre a influência que pretensamente o padre Duarte exercera na revolta, os populares negaram terminantemente tal acusação mostrando portas e móveis quebrados pela cavalaria nos seus habituais actos de abuso e violências contra a população. Entretanto, não perdendo a oportunidade o governador colonial obrigou o padre Duarte a explicar a população, na sua presença, o que significava a República, dizendo que esta era sobretudo, uma mudança de regime em Portugal .

Depois de serem ouvidos os revoltosos e feitas as “pazes” o governador abandonou a Achada Falcão e embarcou para Praia, partindo do porto de Ribeira da Barca.

Chegando a Praia dias depois, o governador manda publicar uma portaria do seguinte teor:

“Tendo tido a acção de verificar, pessoalmente, o grande espírito de disciplina e de sacrifício de que deram inequívocas provas os oficiais e praças tanto das unidades da

cidade da Praia como da guarnição da canhoneira Zambeze, que tomaram parte na pacificação do conselho de Santa Catarina levada a efeito pela violência e pelo terror achei por conveniente, louvar os aludidos oficiais e praças pela maneira por que todos, sem nenhuma exceção, cumpriram os seus deveres não só militares como cívicos “³.

No entanto, em Ribeirão Manuel, a população, consciente da vitória e do prestígio alcançados manteve desde então, um espírito de revolta muito aceso chegando mesmo a individualizar-se como uma das mais destemidas da ilha de Santiago.

Foi por isso que, as ideias de Libertação Nacional, mais tarde, encontraram nela um campo propício para o seu alastramento. E, não foi coincidência que essa área de gente decidida tivesse sido indigitada como uma das possíveis bases militares, caso viesse a ser necessário desencadear uma luta de guerrilhas para que triunfasse justa aspiração do Povo de Cabo Verde a uma vida independente e digna.

³ Boletim Oficial n.43, suplemento n.16, portaria n.301